

A formação da crítica literária acadêmica amazonense & seus itinerários pela poesia lírica do Amazonas

*The formation of the amazonian academic literary critic and its itineraries for the lyric
poetry in the Amazon*

Fabício Magalhães de Souza*

Secretaria de Estado de Educação do Amazonas
Manaus, Amazonas, Brasil

Gabriel Arcanjo dos Santos Albuquerque**

Universidade Federal do Amazonas
Manaus, Amazonas, Brasil

Resumo: O presente artigo elege como objeto de investigação a formação da crítica literária acadêmica amazonense e seus itinerários pela poesia lírica do Amazonas, tendo em vista a necessidade de realizar um inventário sobre sua história e compreendê-la como um processo sociocultural. A pesquisa é de caráter bibliográfico, documental e interpretativo, e parte de uma questão: pode-se falar que se formou ou está em formação uma crítica literária acadêmica no Amazonas?

Palavras-chave: Processos socioculturais. Crítica acadêmica amazonense. Programas de Pós-Graduação. Poesia lírica amazonense.

Abstract: This research elects as object the formation of the Amazonian academic literary critic and its itineraries for the lyric poetry in the Amazon, considering the necessity to make an inventory about its history and to understand it as a sociocultural process. The research is bibliographic, documentary and interpretative. We start from the following hypotheses, expressed in the form of questions: Can we say that an academic literary criticism was formed in the Amazon? It will be Manaus a cultural center when we talk about this subject?

Keywords: Sociocultural processes. Amazonian academic criticism. Graduate Programs. Amazonian lyric poetry.

1. INTRODUÇÃO

Pode-se inserir o processo de formação da crítica literária acadêmica amazonense no bojo de dois processos que ocorrem, respectivamente, nos países centrais da Europa e nos Estados Unidos, de um lado, e no Brasil, de outro: a revisão do cânone literário ocidental e a criação dos primeiros Programas de Pós-Graduação na área de Letras. Ambos os processos ocorrem por volta da década de 1970. Segundo Boaventura de Sousa Santos (2010), o cânone literário ocidental tem sido questionado pelos países centrais da Europa e nos Estados Unidos desde a segunda metade do século XX. Eles “viram-se confrontados com o problema, que era fundamentalmente saber que obras literárias têm ou não o direito a entrar no panteão sagrado da cultura nacional” (SANTOS, 2010, p. 72).

* Doutor em Sociedade e Cultura na Amazônia (2020) pela UFAM, professor da Secretaria de Estado de Educação do Amazonas – SEDUC/AM. E-mail: fabricao.betel@gmail.com.

** Professor Titular pela Universidade Federal do Amazonas, doutor em Letras - Literatura Brasileira pela Universidade de São Paulo. E-mail: gasalbuq@gmail.com.

O segundo processo, o de formação dos Programas de Pós-Graduação na área de Letras na década de 1970, faz parte de um movimento da atividade da crítica literária acadêmica, passando do que se convencionou chamar de *crítica impressionista* para *crítica especializada*. Segundo Rachel Esteves de Lima (1998), pode-se identificar pelo menos quatro fases entre a crítica impressionista e a crítica especializada: 1) a crítica de rodapé (impressionista) a partir do século XIX; 2) criação de universidades (Universidade de São Paulo, Universidade do Brasil e Faculdade de Filosofia de Minas Gerais) na década de 1930; 3) a inserção da disciplina de Teoria Literária nos cursos de Letras na década de 1960; e 4) a criação dos cursos de Pós-Graduação em Letras naquelas universidades então fundadas, na década de 1970.

A crítica literária acadêmica no Amazonas começa a partir da década de 1980, quando professores da área de Letras pós-graduados (mestrado) em universidades do sudeste e sul do país retornam e ajudam na formação de uma crítica literária acadêmica profissional no Amazonas, estabelecendo algumas de suas bases crítico-teóricas. Depois, um novo espaço de formação é constituído na então Universidade do Amazonas: o Programa de Pós-Graduação em Natureza e Cultura na Amazônia-PPGNCA (em 1998), depois Programa de Pós-Graduação em Sociedade e Cultura no Amazonas-PPGSCA (a partir de 2002).

Como a maior parte das dissertações e teses defendidas por seus pesquisadores versam sobre a poesia lírica do Amazonas, optou-se por estudar especificamente e, ao mesmo tempo, a formação da crítica literária acadêmica e seus itinerários pelo estudo da lírica, uma vez que isso permitirá não somente realizar um inventário da crítica literária, como também sua história. Optou-se, ainda, por lançar mão da produção acadêmica de professores que atuam ou atuaram na área de Letras nas universidades locais.

É em razão do papel que a crítica universitária desempenha num determinado campo literário - principalmente porque *revela* sua formação, sua força e seu lugar, funcionando como uma autoconsciência literária - que esta pesquisa discute o papel dela no campo literário amazonense, uma vez que, com o advento do movimento artístico-cultural Clube da Madrugada, nos anos 1950, a literatura produzida no Amazonas inicia seu processo de autonomia, quando alguns produtores desse grupo vão criando mecanismos de legitimação e prestígio em posição mais ou menos solidária de críticos e leitores.

Nesse sentido, a crítica literária ocupa papel preponderante como leitora da produção literária porque há uma peculiaridade que consubstancia a literatura no Amazonas. Segundo Gabriel Albuquerque (2009), “não se deu o fomento nem as condições necessárias à criação de um sistema literário próprio no Amazonas”, mas, o “que prevalece é o insulamento, cujos movimentos de ir e vir ordenarão que os leitores elejam aqui e acolá seus autores”, e mais especificamente em Manaus se constitui, “tão válido quanto o seguimento dos leitores [...] um outro, de autores que leem autores, criando um núcleo de seletos que ora se reconhecem, ora se abespinham” (ALBUQUERQUE, 2009, p. 51).

De fato, a produção literária no Amazonas não alcançou senão um público leitor seletos, isto é, os próprios autores literários e, depois, os leitores da academia universitária, fenômeno este que ainda está por ser desvendado. Contra essa situação, os escritores envidaram esforços para popularizarem a leitura literária e, de certa maneira, a eles juntaram-se os críticos acadêmicos, criando *eco* fora daqui quanto aos seus objetos de interesse. Em outras palavras, eles enfrentam o desafio de escrever sobre a produção literária amazonense com o objetivo de *furarem* a invisível barreira de isolamento que os separa dos outros centros culturais para contribuírem com a discussão cultural e social que a literatura brasileira tende a promover no cenário público.

2. GERAÇÕES LITERÁRIAS E LUGARES DE MEMÓRIA

Esta pesquisa propõe dividir e caracterizar a crítica literária em três gerações: a primeira é a *crítica impressionista* que, tendo havido algumas poucas manifestações na primeira metade do século XX, só vem a ser efetivamente estabelecida no campo literário amazonense a partir da segunda metade do século XX, no bojo do movimento artístico-cultural Clube da Madrugada. A segunda e a terceira geração formam, eminentemente, uma *crítica acadêmica*. A noção de geração é emprestada de Pedro Lyra (1995) que, ao estudar a poesia de 1960, caracteriza-a como Geração Sincretista em relação às três gerações do movimento modernista (geração heroica, regionalista e de 45); cada geração tem uma fisionomia diferente da outra, cada uma tem “datas, problemas, marcos, desafios, bandeiras, temas e ideais próprios” (1995, p. 28). Assim, cada *fisionomia geracional* seria determinada por dois fatos: operar sobre o material legado pela(s) precedente(s) e continuar o processo: “o *herdado*, que ela recebe das anteriores; o *próprio*, que ela tem de criar.” (LYRA, 1995, p. 28). E cada geração forma um conjunto – não uma unidade (1995, p. 29).

Faz-se, contudo, neste trabalho, uma escolha: não é adotado o fator *genealógico* de geração, senão o *histórico*, tendo em vista que o primeiro implicaria o desenho de um arco temporal baseado na vivência individual de cada pesquisador, trabalho esse que iria um pouco além dos objetivos aqui propostos. Por outro lado, se o fator histórico, isto é, o da “coletividade [que] entra na cena histórica num determinado período, sob certas condições e com uma certa missão a cumprir” (LYRA, 1995, p. 27) é mais adequado, ele por si só não dá conta das peculiaridades: a primeira geração de críticos literários acadêmicos (Marcos Frederico Krüger, Neide Gondim, Socorro Santiago, Paulo Graça) só viria a fomentar a formação de uma outra geração nos fins da década de 1990.

Dadas essas peculiaridades, complementa-se a noção de geração aqui proposta com as de lugares de memória, de Pierre Nora (1993) e memória literária, de Astrid Erll (2005; 2012). Os lugares de memória são “com efeito [lugares] nos três sentidos da palavra, material, simbólico e funcional, simultaneamente, somente em graus diversos” (NORA, 1993, p. 21).

Para justificar a crítica literária como uma atividade criadora de lugar de memória, convém falar, resumidamente, nos seus três movimentos históricos. O primeiro deles é a sua autonomia, na Modernidade, no Ocidente, quando houve uma ruptura com a teoria literária clássica e com a trindade das disciplinas do discurso – gramática, retórica, poética (SOUZA, 2014, p. 21). Os inventores do Romantismo, nos séculos XVIII / XIX, tinham que se *justificar* diante da tradição: uma produção artística seria julgada pelo seu valor e não pela sua exemplaridade. Logo, eles inventaram um novo modo de fazer crítica literária: ao explicarem uma obra, estavam fazendo crítica. Esse processo de autonomia, segundo Roberto Acízelo de Souza (2014, p. 21), levou a crítica a dividir-se em dois projetos: *tornar-se em disciplina acadêmica com luz própria* e *realizar livre comentário das obras literárias*, duas atividades inconciliáveis, completa.

O segundo momento dá-se na primeira metade do século XX, quando iriam surgir novas escolas e modelos de pensamento que buscariam atribuir à análise literária *status* de Ciência da Literatura, emprestando de imediato lógicas, conceitos e procedimentos das ciências vizinhas, então em gênese. Dentre essas abordagens, encontraram-se o Formalismo Russo e o *New Criticism*, como abordagens intratextuais e, no curso das décadas de 1960 e 1970 haveria uma multiplicação de abordagens *intratextuais* (Estruturalismo, Pós-Estruturalismo e seus desdobramentos: “nova crítica”, “poética”, “semiologia”, “narratologia” etc.) e *extratextuais* (Estética da Recepção, Crítica Sociológica, Crítica Feminista etc.), que encontrariam seu lugar de exercício no ambiente acadêmico universitário, consolidando-se com a criação da disciplina Teoria da Literatura (COMPAGNON, 2010, p. 12-14).

Entre o primeiro e o segundo movimento, há dois momentos de crítica literária. Temos aquela que faz uma leitura considerada não teórica, daí comumente a produção de seu trabalho ser chamada de *crítica impressionista*. A outra é o da *crítica especialista*, fomentada especialmente na academia universitária. Este vai adotando na sua prática de hermenêutica e exegese do texto literário todo aparato *intratextual* ou *extratextual*, conforme a formação científica e o *habitus* dos pesquisadores e das pesquisadoras.

O terceiro momento, em curso, dá-se com a crítica literária dobrando-se sobre si, isto é, refletindo sobre sua formação. Trata-se, esse terceiro movimento, do resultado do que Pierre Nora (1993) atribui, quando se refere primeiro ao que acontece à história francesa, como o “fim da tradição de memória” (NORA, 1993, p. 12). O fim das sociedades-memória, como a dos camponeses, no arrastar da Modernidade, e o surgimento da disciplina História, são dois movimentos não complementares: enquanto a memória é atual e comunitária, próxima, a História é a representação, a interpretação dessa memória e, paradoxalmente, seu apagamento. A História substitui a memória, e passa-se a ter um *afã* pelos lugares de memória (museus, arquivos, monumentos) e pelas práticas de produção de memória: acumular, guardar, arquivar. Para não perder. Para eternizar.

Assim, não só o texto literário é repositório de uma memória (ASTRID ERLI, 2005; 2012) e, como literatura, um memorial literário: a crítica literária também é criadora (e mantenedora) de um lugar de memória (NORA, 1993), qual seja, o da historiografia que ela mesma cria ao funcionar como leitora de textos líricos e narrativos, conforme pode-se depreender desta citação de Erll e Nünning:

Os estudos literários criam e mantêm a memória cultural, como os debates sobre a revisão do cânone e a natureza construída da historiografia literária mostraram. Uma vez que a historiografia literária e a criação ou mudança dos cânones sempre pertenceram às tarefas centrais da disciplina, a memória institucionalizada da literatura é um fenômeno que – implicitamente, mas com um efeito duradouro – formou e ainda forma os estudos literários. [...]. Como resultado, o campo dos estudos literários está, hoje em dia, cada vez mais interessado não só na criação de cânones e histórias literárias, mas também na reflexão crítica sobre tais processos de construção. O campo observa sua própria atividade – a produção e a transmissão da memória cultural - a partir de uma perspectiva histórico-cultural e teórica sobre a memória. (Trad. Simone Garcia de Oliveira)

De fato, o trabalho memorialístico da crítica literária é visível tanto em trabalhos feitos pela *crítica impressionista* quanto pela *crítica especialista*. Em um ensaio publicado em 1982, o poeta, contista e crítico literário Jorge Tufic fazia uma pergunta que assinala esse aspecto encrustado na cultura literária local: *Existe uma literatura amazonense?* Além, propriamente, de um não consenso que o ensaísta percebera ao dar esse título ao ensaio, há aí uma adversidade na *inscrição* e *apagamento* de lugar de memória e de preenchimento de vazios em dois sentidos: poucas obras de poesia lírica e narrativa de ficção haviam sido escritas desde um ponto de origem até chegar-se às primeiras décadas do século XX para qualificar uma *literatura especificamente amazonense*; e, também, poucos intelectuais naquela primeira metade de século haviam escrito crítica literária sobre as poucas obras:

Antes de 1900 [...]. O jornalismo político, a sátira colunável e a literatura de escape dividiam a plateia amazonense [...]. É do século XIX [...] o registro marcante de estudos humanísticos,

a exemplo da biblioteca de Humaitá, no interior, e a Biblioteca Pública da Província, fundada em 1870.

[...] até 1900 não houve em Manaus nenhuma sociedade ou grêmio que pretendesse cultivar as letras. (TUFIC, 1982, p. 30-32)

O ofício de crítica literária é memorialístico, de arquivo, porque sua expressão, conforme os exemplos extraídos do trabalho crítico-teórico dos primeiros pesquisadores universitários, é de algo que estava perdido e foi achado (devendo-se examinar isso, primeiro, de forma material, isto é, a ausência de uma obra propriamente que é recuperada e, depois, simbólica: a história ausente que é contada a partir da obra encontrada). Veja-se, por exemplo, as Introduções das dissertações *Introdução à poesia no Amazonas* (1982) e *A imagem do rio na poesia amazonense contemporânea* (1982), respectivamente:

A poesia no Amazonas vai completar, em 1983, duzentos anos. O marco inicial da literatura amazonense são dois sonetos de FRANCISCO VITRO JOSÉ DA SILVEIRA (? - ?), lidos em Tabatinga a 15 de novembro de 1783. É impossível, se quisermos fixar um momento para o início da literatura no Amazonas, não aceitar esses poemas como sendo o primeiro documento literário. Duas razões contribuem para isso: a primeira decorre de não ser possível fixar o ano em que o poema *A muburaida* – o outro do documento literário dessa época, que chegou à atualidade – foi escrito em primeira versão; a segunda é o fato de que outros poemas, porventura escritos nas últimas décadas do século XVIII no Amazonas, não venceram a barreira do tempo, que os destruiu irremediavelmente. (KRÜGER, 1982, p. 8, grifos do autor)

Para eleger qual a primeira obra da poesia amazonense, Marcos Frederico Krüger se depara com um problema real: o que se conhecia a respeito da obra *A Muburaida* não permitia, até então, estabelecê-la como o primeiro texto da produção literária amazonense (a segunda edição da obra, saída em 1993, esclareceu as informações obscuras, estabelecendo o ano de 1785 para a primeira versão de *Muburaida...* e o lugar de gestação da obra: a cidade de Tefé). Algumas palavras-chaves usadas pelo autor, por outro lado, demonstram a vontade de tornar uma obra em história, de inscrevê-la numa série, muito embora qualquer memória esteja ausente nessa inscrição: “marco inicial”, “documento literário”, “fixar”, “versão”, “tempo”, “escritos”, “destruiu”.

Socorro Santiago, por sua vez, ao dispor sobre um tema, insere autores e obras na tradição literária do Ocidente ao mostrar como, na sua especificidade, eles retomam, reelaboram e ressignificam mitos de representação de uma poética das águas:

Qualquer análise literária aplicada a um texto amazonense, que pretenda ultrapassar os limites do Estado, impõe uma sinopse histórica do desenvolvimento da cultura na região Norte, que ainda permanece tão desconhecida da maioria dos brasileiros. Uma história da literatura amazonense está em elaboração pelo professor Mário Ypiranga Monteiro. Portanto, um levantamento crítico dessa literatura ainda está por ser feito. Alguns ensaios e conferências esparsos são as tentativas de manter a memória dessa produção que, embora rica e variada, pode parecer vazia e superficial, simplesmente por falta de estudos mais aprofundados. (SANTIAGO, 1982, p. 7)

Ao tecer esse comentário antes de estabelecer como referenciais num espaço conceitual de série literária as obras que formam as primeiras manifestações literárias no Amazonas (a carta de

Frei Gaspar de Carvajal é o primeiro desses documentos), a autora tem consciência do seu trabalho como um referencial memorial quando se fala em estudos da poesia lírica do Clube da Madrugada (entre as décadas de 1960 a 1980).

Mas a crítica literária acadêmica, na verdade, dá continuidade e novos sentidos (especialmente em razão da abordagem teórica que adota) a um inventário que a crítica não acadêmica já iniciara, e cujo trabalho continuava em processo. Por esse motivo, faz-se necessário referenciar o trabalho da crítica literária impressionista e especializada, antes de retornar ao da crítica literária acadêmica.

3. PRIMEIRA GERAÇÃO: CRÍTICAS LITERÁRIAS IMPRESSIONISTA E ESPECIALIZADA

A crítica literária não acadêmica é composta por intelectuais polígrafos tanto na primeira quanto na segunda metade do século XX, no Amazonas, havendo uma diferença fundamental entre eles: a diferença é que, enquanto todos aqueles considerados críticos literários que atuaram na primeira metade da década não eram *propriamente* escritores/poetas de narrativa de ficção ou de poesia lírica (Anísio Jobim, Djalma Batista, Péricles Moraes), a maior parte daqueles que produziram crítica literária na segunda metade do século XX eram/são, em sua maioria, literatos (Arthur Engrácio, Luiz Ruas, Mário Ypiranga Monteiro¹, Márcio Souza, Jorge Tufic).

Em relação à divisão, percebe-se os autores que atuaram no segundo momento estavam, conscientemente, criando uma geração de crítica literária, ainda fora do ambiente acadêmico (à exceção de Mário Ypiranga Monteiro, que escreveu suas obras de referência no assunto quando estava na posição de professor do Instituto de Ciências Humanas da Universidade do Amazonas, produzindo, portanto, trabalhos de caráter acadêmico), realizando um trabalho que fazia parte de um movimento de renovação artístico-cultural ao qual quase todos eles estavam ligados ou que não podiam ignorar: o Clube da Madrugada².

Levando isso em conta, caracteriza-se o primeiro momento da atividade crítica no Amazonas como o da crítica literária não acadêmica, que será chamada aqui de *crítica impressionista*. Convém acentuar, contudo, que ela é dívida em dois momentos, demarcados pelo surgimento do Clube da Madrugada. A crítica literária da primeira metade do século XX é predominantemente *impressionista*.

QUADRO 1 – Autores e obras de crítica literária impressionista relacionadas à poesia lírica amazonense (com exceção do primeiro ensaio): primeira geração, primeira metade do século XX

AUTOR(A)	TÍTULO DA OBRA DE REFERÊNCIA	ANO
Euclides da Cunha	“Preâmbulo” ao livro <i>Inferno Verde</i> , de Alberto Rangel ³	1908

¹ Embora seja mais conhecido pelo seu trabalho no campo da História, da Antropologia e do Folclore, Monteiro escreveu também algumas obras literárias: *O escorpião do Rei* (crônica histórico-novelasca, 1950), *Dona ausente: poema ilustrado* (1981), *Gotas de sangue* (poemas, 1986).

² Seu surgimento, que se dá quase que simultaneamente ao do movimento Concretista (com o qual, nos anos 1960, alguns de seus autores se identificarão, tendo como testemunho o Manifesto Poesia de Muro, redigido por Jorge Tufic entre 1965-1966), é, de algum modo, a sistematização das estéticas do Modernismo e da Geração de 45, apresentados por meio do *Manifesto Madrugada*, publicado no único número da *Revista Madrugada* (1955), dada como perdida, recuperada em 2014 em pesquisa empreendida por Roberto Mendonça nos arquivos da Biblioteca Mário Ypiranga Monteiro, do Centro Cultural Povos da Amazônia.

³ Até onde se tem notícia, esse é o primeiro ensaio de crítica a uma obra pertencente ao acervo da produção literária amazonense. Segundo Albuquerque (2009, p. 55), a leitura que Euclides da Cunha faz de Alberto Rangel é um momento no qual o insulamento, no que diz respeito à produção literária, começa a diminuir,

Anísio Jobim	<i>A intelectualidade no Extremo Norte</i>	1934
Péricles Morais	<i>Legendas e Águas-fortes</i>	1935
Djalma Batista	<i>Letras da Amazônia</i>	1938

Na segunda metade do século XX tem-se, por outro lado, a convivência de duas críticas literárias: uma *impressionista* e outra *especializada*.

QUADRO 2 – Autores e obras de crítica literária impressionista e especializada relacionadas à poesia lírica amazonense: primeira geração, segunda metade do século XX⁴

AUTOR(A)	TÍTULO DA OBRA DE REFERÊNCIA	ANO
Crítica literária impressionista		
João Mendonça de Souza	<i>O poeta e a forma exata</i> ⁵	1972
Arthur Engrácio	<i>A berlinda literária</i>	1976
Luiz Ruas	<i>Os graus do poético</i>	1979
Crítica literária especializada		
Mário Ypiranga Monteiro	<i>Fatos da literatura amazonense</i>	1976
Márcio Souza	<i>A expressão amazonense: do colonialismo ao neocolonialismo</i>	1977
Jorge Tufic	<i>Existe uma literatura amazonense?</i>	1982

Mas, em conjunto, tanto os autores que produziram antes quanto aqueles que produziram depois do Clube da Madrugada, serão tomados como pertencentes à *primeira geração* da crítica literária no Amazonas. Isso porque só se perceberá a formação do papel de crítico(a) literário(a) – como parte do processo de autonomia da produção literária amazonense – a partir da segunda metade do século XX. Essa geração atuou num espaço de tempo que corresponde mais ao menos às décadas de 1960 a 1980. Depois disso, passa a compartilhar espaço com a crítica acadêmica, que então surgia.

Essa primeira geração, nascedouro da crítica literária de escritores e outros intelectuais polígrafos, reuniu-se em torno de duas Instituições fundadas na segunda década do século XX, quando Manaus já experimentava os efeitos do *crack* da borracha. Nesse ambiente de crise ainda fundaram uma universidade (Escola Universitária Livre de Manaus, em 1909) e conseguiram, à revelia dos fortes ventos, permanecer defendendo alguns ideais literários quando, na década de

além de sinalizar uma fundação moderna para a produção literária no Amazonas. Ainda segundo o autor, esse movimento de idas e vindas alcança novo patamar quando, em 1959, o poeta Luiz Bacellar é laureado com o Prêmio Olavo Bilac, conferido pela Prefeitura do antigo Distrito Federal (RJ).

⁴ Optou-se por relacionar no QUADRO 2 autores que coligiram em livro seus ensaios no período de 1970 a 1980, citando o primeiro publicado de vários de um mesmo autor, em alguns casos, mas, segundo Jorge Tufic (1984), os primeiros ensaístas de crítica literária no período do Clube da Madrugada (CM) foram Ernesto Pinho e Astrid Cabral, seguindo-se a eles: Arthur Engrácio, Luiz Ruas, João Bosco Araújo, Farias de Carvalho, Alencar e Silva, Pedro Santos, Jefferson Peres, Francisco Batista, Saul Benchimol, Aluísio Sampaio, Elson e Edilson Farias, o próprio Jorge Tufic, Cosme Alves Neto e Antísthenes Pinto. Eles publicavam em espaços conquistados pelo CM em jornais de circulação local (“O Jornal” e “A Crítica”) ou nacional (no “Suplemento Dominical” do *Jornal do Brasil*). Havia outros ensaístas que, não pertencendo ao movimento, publicaram nas mesmas páginas: Ernesto Freitas Pinto, Fábio Lucena, Neide Ferreira, Luiz de Miranda Corrêa, Vicente Limongi Neto e Geraldo Pinheiro.

⁵ A reinserção do ensaio de Mendonça de Souza no itinerário de ensaios sobre a poesia lírica – é o primeiro trabalho a analisar as obras de um poeta do Clube da Madrugada – deve-se ao trabalho de pesquisa empreendido por José Benedito dos Santos, no ensaio “Breve estudo sobre a obra e a fortuna crítica de Elson Farias” (2017) no volume I de *Literatura no Amazonas (1954-2010)*.

1950, um novo movimento literário vai questionar sua tradição e seu trabalho de promoção da atividade literária local. Nesse ínterim, um dos intelectuais que mais se destacou foi Álvaro Maia, escritor e político que vai conjugar em sua trajetória algumas contradições que governaram a vida cultural no Amazonas. Antes de se passar à década de 1950, convém comentar sobre essas Instituições, uma vez que uma delas resguardou esses valores literários ligados ao cultivo das estéticas parnasiana, simbolista e do romantismo lírico.

O Instituto Geográfico Histórico do Amazonas – IGHA (fundado em 1917) e a Academia Amazonense de Letras – AAL (fundada em 1918, antes Sociedade Amazonense de Homens de Letras) foram, por assim dizer, o berço da crítica literária no Amazonas. Isso porque em sua quase totalidade os integrantes de um eram também integrantes da outra. Segundo Charles Falcão (2010, p. 15), essas duas instituições, não só em Manaus, mas em outras partes do Brasil, são as “expressões iniciais do processo de desenvolvimento de um campo de produção cultural.” Por causa da revista editada e publicada pela Academia desde 1920, seus membros tiveram um espaço cativo para escreverem seus ensaios. Mas muito mais o foram por terem se tornado espaços de sociabilidade da intelectualidade amazonense. Surgidas as duas Instituições no limiar da crise da borracha, representaram então lugares de afirmação de uma elite letrada frente à crise que ameaçava engolir a história da província.

Por outro lado, com a fundação da Comissão Nacional do Folclore – CNFL, em 1947, um novo espaço de diálogo entre intelectuais será fomentado. Intelectuais como Renato de Almeida (fundador do CNFL), Mário de Andrade e Gilberto Freire comportam ideias convergentes quanto à busca de um Brasil mais profundo. Mário de Andrade preocupa-se com a música popular, que ascenderá como temática prioritária nos estudos folclóricos (Falcão, 2010, p. 50). Nesse mesmo período e ambiente, Gilberto Freyre proporá pensar-se o país “em termos de uma unidade que se constitui na diversidade” (Falcão, 2010, p. 15). Essas duas propostas, o *diálogo* (ou *missiva*) entre intelectuais e sua *congregação* em torno de uma ideia de Brasil que é diversificada e abrangente, terá impacto na cultura amazonense, especialmente porque alguns de seus intelectuais, especialmente Arthur Reis, Mário Ypiranga Monteiro e Nunes Pereira, participarão ativamente desse diálogo e construção da nova identidade brasileira.

Parece que o intercâmbio entre os centros culturais, de norte a sul do país, com estudos sobre o folclore, vão refazer os contatos entre os intelectuais, num vasto e abrangente projeto de construção de um acervo cultural popular, que resultará em campos específicos de estudos do regionalismo nas décadas de 1940-1950. Essas “vias de acesso”, abertas e transitadas por intelectuais como Mário Ypiranga Monteiro, Arthur Reis, Leandro Tocantins e Nunes Pereira vão estreitar-se nos anos seguintes, levando seus jovens poetas a migrarem para o sul, conforme registrara oportunamente Djalma Batista, por caminhos pavimentados agora pelo rádio e pela aviação (no início do século XX, no sudeste, pelo telégrafo). Uma das heranças desse projeto agenciado pela CNLF, sob a direção de Renato Almeida, foi o estreitamento de laços entre a *intelligentisia* local e nacional, notadamente no nordeste.

A caravana que parte em 1951 num avião da FAB (Força Aérea Brasileira) em direção ao Rio de Janeiro – e depois, por ônibus, até Porto Alegre – depois de retornar e procurar inserir em seus poemas de lirismo parnasiano a “indisciplina vocabular” (Tufic, 1984, p. 15) modernista partirá, segunda vez, rumo ao leste, fazendo paradas em Belém, Fortaleza e Pernambuco, seu destino final. É depois dessa segunda experiência que eles se tornam o Clube da Madrugada.

4. SEGUNDA E TERCEIRA GERAÇÕES ACADÊMICAS: DE FUNDAÇÃO E DE TRANSIÇÃO

A segunda e a terceira geração compartilham o fato de serem, em sua maioria, formadas no seio da academia universitária, por isso, *crítica acadêmica*. A segunda geração aqui é chamada de geração de fundação e, a terceira, de geração de transição. A primeira geração é saída, em grande parte, das primeiras turmas do curso de Letras da Universidade do Amazonas, criado na década de 1960. Especializando-se entre as décadas de 1970 e 1980 nas universidades do sudeste e sul, publicariam os primeiros trabalhos acadêmicos sobre a produção literária no Amazonas: Maria do Socorro de Farias Santiago (*Uma poética das águas*, 1986) e Neide Gondim Freitas Pinto (*A invenção da Amazônia*, 1994; *Simá, Beiradão e Galvez: imperador do Acre: literatura e história*, 1996).

Esses pesquisadores, formados nos cursos de mestrado (na década de 1980) e doutorado (na década de 1990) atuaram como docentes na Universidade do Amazonas (UA) e, com exceção de Socorro Santiago, que anos depois migrou para as Artes Cênicas – que era, aliás, sua primeira formação – ganharam autonomia como especialistas em relação aos centros de pesquisa onde se formaram (USP, UFRJ, PUC-RJ e PUC-PR) e ajudaram na formação de um dos primeiros programas de pós-graduação locais.

O *boom* da crítica literária acadêmica, iniciada por aqueles pesquisadores, é concentrado, descontínuo e, até certo período, levado à efeito por poucas mãos. Daí decorre o fato de termos poucos trabalhos de crítica literária amazonense produzidos até os anos 2000.⁶ E daí decorre, também, o interesse de lê-los como textos fundadores (ou bússolas) que direcionam a crítica literária acadêmica atual cujos objetos são textos pertencentes à nossa literatura. Em outras palavras, alguns críticos literários *fizeram escola*.

QUADRO 3 – Autores e obras de crítica literária acadêmica relacionadas à poesia lírica amazonense: segunda geração (décadas de 1980 e 1990)

AUTOR	OBRA DE REFERÊNCIA	ANO	INSTITUIÇÃO
Marcos Frederico Krüger Aleixo	<i>Introdução à poesia amazonense: com apresentação de autores e textos</i> [dissertação]	1982	UFRJ
Maria do Socorro Farias Santiago	<i>A imagem do rio na poesia amazonense contemporânea</i> [dissertação]	1982	PUC-PR
Antônio Paulo Batista Graça	“Antiapresentação à Fruta de barro”, saído na 6ª edição do livro <i>Fruta de Barro</i> ; a “Apresentação” a <i>Poemas amazônicos</i> , de Pereira da Silva; “Pessimismo e beleza em Jonas da Silva”; e “O apostolado lírico de Paulino de Brito”. [ensaios] ⁷	1998	Editora Valer

Havia para os primeiros críticos acadêmicos, na década de 1980, assuntos que urgiam ser discutidos, investigações sem as quais seria difícil progredir sobre um terreno tão pouco

⁶ No prefácio ao livro *A literatura no Amazonas: 1954-2010* (2017), apresentam-se as obras de crítica literária sobre a produção literária amazonense publicadas desde a primeira década do século XX até meados dos anos 2000; excetuando-se as súmulas bibliográficas e as antologias literárias, os trabalhos críticos não chegam ao número total de dez, atestando a presença de poucos realizados até então.

⁷ Foram selecionados ensaios que ele publicou em 1998, visto que sua dissertação, *O diálogo literário: texto e leitor na Estética da Recepção* (1989) e sua tese, *O índio imaginário: percurso da personagem indígena no romance brasileiro* (1996), não versam sobre a lírica amazonense.

explorado. Eram esses temas: 1) compreensão do processo histórico de descoberta/”invenção”, anexação e *abandono* da Amazônia em relação ao Estado Brasileiro - daí a recorrência de uma historiografia da região nos primeiros trabalhos; 2) recuperação de obras literárias que estavam relegadas ao esquecimento – necessitando de recorrente pesquisa em arquivos públicos e privados; e 3) proposição de uma historiografia literária para periodizar a produção literária – ou que versassem temas em comum, como o processo de colonização portuguesa na Amazônia ou formação literária.

Concomitantemente, surgem espaços mais ou menos alternativos onde alguns professores e escritores escrevem crítica cultural e literária, permitindo-se visualizar com alguma clareza as discussões e relações que ocorriam nesses espaços.⁸ E entre as décadas de 1980 e 1990 começam a se desenhar ou redesenhar novos espaços de atuação da crítica literária no Amazonas: o acadêmico, o editorial e o jornalístico, muitas vezes se entrelaçando.

No espaço acadêmico, os críticos trabalham divididos entre a promoção da cultura e da arte no interior da universidade e seu diálogo com movimentos culturais, fora. Exemplo desse intercâmbio foram as edições do Festival Universitário de Música (FUM), na primeira metade da década de 1980, e o nascimento do Grupo Gens da Selva⁹, no final da mesma década. Ambos os movimentos reúnem intelectuais tanto dos quadros docentes da universidade quanto de fora dela.

Mas, ao longo das décadas de 1980 e 1990, ter-se-ão poucos trabalhos acadêmicos publicados, anteriormente referenciados, que versem sobre a produção literária amazonense, além dos ensaios para a coleção *Resgate*, em 1998. Junta-se a esse acervo antologias literárias e roteiros de leitura para o vestibular, alguns dos principais organizados por Tenório Telles, Zemaria Pinto e Marcos Frederico Krüger, só vindo a aparecer outro estudo crítico em 2003: *Amazônia: mito e literatura*, de Marcos Frederico Krüger. As poucas referências e a ausência de estudos críticos sobre a lírica e a narrativa no Amazonas são patentes.

A segunda geração, por sua vez, é formada por Allison Leão, Ana Amélia Guerra, Antônio Magalhães Guedelha, Auricléia Oliveira das Neves, Gabriel Albuquerque, Maria Lúcia Tinoco Pacheco, Maria Luiza Germano de Souza, Maria Sebastiana de Moraes Guedes, Nícia Petreceli Zucolo, Rita Barbosa de Oliveira e Victor Leandro da Silva.

Com exceção dos professores-pesquisadores Gabriel Albuquerque e Rita Barbosa de Oliveira, todos os demais que atuaram ou atuam nas universidades locais na área de Letras e produziram dissertação sobre a produção literária amazonense formaram-se no PPGSCA.

⁸ Por exemplo: no ano de 1982 o Diretório Universitário da Universidade do Amazonas realizava o I Festival Universitário de Música. Fruto da parceria entre integrantes dos centros acadêmicos do ICHL, ele promoveria ainda outras três edições do festival e, em 1985, publicar-se-ia um livro reunindo ensaios de alguns intelectuais que naquele período de redemocratização tinham o desejo de recuperar um espaço artístico-cultural no interior da Universidade. *Arte e delírio: reflexões sobre a cultura amazonense* (1985) reuniu escritos de Antônio Paulo Graça (“Patologia da dependência – Introdução ao Estudo da Literatura do Amazonas”), Aldisio Figueiras (“Literatura e poder”), Narciso Lobo (“Iracema e a transa Ideológica: cadê a identidade?”), Bosco Ladislau (“Pintura amazonense: contexto e manifestações atuais”) e Dori Carvalho (“O teatro no Amazonas e eu”).

⁹ Segundo o poeta Simão Pessoa (2011), “O nome do coletivo fazia uma brincadeira eufônica com o famoso Jim das Selvas, herói dos quadrinhos desenhado pelo badalado Alexandre (Alex) Raymond, o mesmo que lançou Flash Gordon. Ao mesmo tempo, trazia como pedra de toque o substantivo gens (“pessoas”, em francês), reafirmando nossas raízes caboclas e nosso cosmopolitismo cultural.”

QUADRO 4 – Autores e obras de crítica literária acadêmica relacionadas à poesia lírica amazonense: terceira geração (décadas de 1990 e 2000)

AUTOR(A)	OBRA DE REFERÊNCIA	ANO	INSTITUIÇÃO
Gabriel Arcanjo Santos de Albuquerque	<i>Tradição e memória: a poesia de Luiz Bacellar em três movimentos</i> [dissertação]	1997	USP
Carlos Antônio Magalhães Guedelha	<i>Manaus de águas passadas: a reconstrução poética de Manaus em Visgo da Terra, de Astrid Cabral</i> [dissertação]	2001	UFAM
Maria Sebastiana Morais Guedes	<i>A máscara de Deus</i> [dissertação]	2001	UFAM
Allison Marcos Leão da Silva	<i>A cidade que existe em nós: a marca do urbano na poesia de Aldísio Figueiras</i> [dissertação]	2002	UFAM
Maria Luiza Germano de Souza	<i>O sertão revisitado: o regionalismo literário amazônico em Elson Farias e Milton Hatoum</i> [dissertação]	2010	UFAM

Essa geração, que vai produzir a partir da década de 1990, uma vez estabelecidas as primeiras leituras, depara com algumas outras questões: 1) promoção da relação entre a história da cidade de Manaus e sua representação na literatura dos anos 60 e 70 – por isso a recorrência de contextualização da história da cidade de Manaus e a leitura teórico-crítica de seu processo de urbanização/modernização; 2) estabelecimento de uma leitura de conjunto da obras dos poetas; e 3) cotejamento das obras e autores locais lado a lado à produção literária nacional – suscitando o retorno às reflexões sobre regionalismo e cultura brasileira, o local, o nacional e o universal.

5. ITINERÁRIOS PELA POESIA LÍRICA DO AMAZONAS

As gerações operam dando ênfase distinta aos poetas dependendo do tipo de abordagem que adotam: abrangente ou concentrada. As dissertações de Krüger e Santiago, por exemplo, são abrangentes: a primeira pesquisa organiza e apresenta autores e obras poéticas em períodos literários; a segunda dá destaque à poética de Jorge Tufic, Thiago de Mello, Luiz Bacellar e Elson Farias. Os pesquisadores da segunda geração concentram-se em analisar a obra poética de um poeta apenas, embora o possam relacionar com outros: Pereira da Silva, Luiz Bacellar, Elson Farias, Aldísio Figueiras e Astrid Cabral. Tendo isso em vista, é possível caminhar pelo itinerário que os críticos fazem pela poesia lírica do Amazonas, o que ajuda a desvendar sua história de formação, como antevisto, e como elas versam sobre poesia e poetas, panoramicamente.

QUADRO 5 – Posicionamento dos poetas centralmente estudados pelos críticos das duas primeiras gerações acadêmicas

CRÍTICOS		POETAS				
		Pereira da Silva	Luiz Bacellar	Elson Farias	Aldísio Figueiras	Astrid Cabral
		EIXO HORIZONTAL				
Marcos Frederico Krüger	EIXO VERTICAL	Inserido no Pré-Modernismo, ao lado de Ramayana de Chevalier e Violeta Branca, que ganha	Um poeta excepcional, destacado do movimento do qual fez parte, o CM (1982, p. 105)	2ª geração do CM, um dos mais talentosos, introduz a temática do telurismo no modernismo	Sem vinculação literária. Sua poesia é contestadora e lança mão de procedimento	Na poesia amazonense aparece com livros interessantes, de razoável qualidade, mas que não

		destaque (1982, p. 88)		no Amazonas (1982, p. 104)	s já feitos, por exemplo, por O. de Andrade, mas ainda precisando ser aprimorada (1982, p. 124)	indicam novos rumos à exaurida poesia feita pelo CM (1982, p. 123)
Socorro Santiago		É citado na seção sobre a visão geográfica do rio, uma vez que, aproveitando-se da licença poética, subverte geograficamente o nascimento do rio Amazonas (186, p. 40)	Sua obra revela alguns traços muito típicos da Amazônia não ribeirinha, mas a representação da vida amazônica em Manaus (1986, p. 122-123)	É um dos mais referenciados. Sua obra, telúrico-social, o identificam como um legítimo poeta amazônico (1986, p. 21)	–	–
Paulo Graça		É inovador, investigador arrojado das lendas e mitos amazônicos.	Poeta da mesma família de Drummond, Cabral, Abguar Renault, Murilo e Quintana (1998, p. 259)	–	–	–
Gabriel Albuquerque		–	Geração de 45 (J. Cabral de Melo Neto), alinha motivos populares e formas requintadas. (1997, p. 7)	–	–	–
Antônio Carlos Guedelha		–	–	–	–	Inserida na poesia de temática telúrica urbana e à Geração de 60.
Maria Sebastiana		É o primeiro poeta	–	–	–	–

Guedes		modernista no Amazonas.				
Allison Leão		–	Bacellar é o poeta da cidade perdida; Filgueiras, da cidade encontrada (2002, p. 59-60)	–	Representa a tendência concretista no cenário amazonense (2002, p. 65); pós-modernismo literário.	–
Maria Luiza Germano		–	–	Ligado a uma linha de regionalismo literário, ao lado de Milton Hatoum.	–	–

Observando no quadro dos eixos horizontal e vertical, pode-se visualizar como cada um dos principais poetas é referenciado e, conseqüentemente, seu movimento nesses dois eixos. Um dado em comum entre os cinco poetas é que eles podem ser posicionados, esteticamente falando, em uma dessas gerações da poesia brasileira do século XX: Pré-Modernismo, Modernismo, Geração de 30, Geração de 45, Geração de 60 (ou Pós-Modernismo).

No eixo horizontal, eles podem ser combinados para sinalizar o pertencimento a um movimento ou estética, ainda que sejam “solitários”. Isso não significa, contudo, que assumam posições centrais; podem, em vez disso, ocupar posições secundárias. Aldisio Figueiras, por exemplo, ocupa posição secundária na dissertação de Marcos Frederico Krüger, e só vem à lume um estudo crítico de sua obra em 2002, na dissertação de Allison Leão, que o integra aos poetas da tradição do urbano na lírica amazonense.

Em outras palavras, o primeiro crítico o integra como pertencente à poesia contemporânea, mas de qualidade poética rudimentar, e o segundo coloca-o como o mais destacado poeta de uma temática: a marca do urbano. Pode-se dizer que a dissertação do segundo crítico *cria* antiguidade ao alinhá-lo num *continuum* de poetas que representam poeticamente a marca do urbano desde as origens da poesia no Amazonas até o pós-modernismo, cujo representante solitário, em virtude do experimentalismo sintático-semântico, é o próprio Filgueiras (essa linhagem é composta, temporalmente, por Henrique João Wilkens, Tenreiro Aranha, Quintino Cunha, Violeta Branca e Luiz Bacellar).

Outro poeta que aparece referenciado no eixo horizontal é Elson Farias, na dissertação de Socorro Santiago (1982). Aliás, um dos motivos pelo qual ele é um dos destacados no estudo da autora parece ser explicado não somente pela qualidade poética de sua obra e por seu pertencimento ao CM, para ser inserido na linhagem da poética das águas na literatura ocidental e amazônica, como o faz a autora; há outra linhagem, sentimental: eles são irmãos de sangue. O poeta ficaria esquecido da crítica acadêmica até ser retomando na dissertação de Maria Luiza Germano (2010).

Quem também aparece referenciado no mesmo eixo é Luiz Franco de Sá Bacellar, cuja importância em toda extensão da poesia amazonense é central. Por isso mesmo ele ocupa espaço cativo nas dissertações de Marcos Frederico Krüger e Socorro Santiago, e num ensaio curto de Paulo Graça. Seus três primeiros livros serão objeto de estudo crítico-teórico de Gabriel

Albuquerque (1997), que para tanto, ao reconhecê-lo como um poeta que tematiza o mundo decadente da morte social no qual o poeta nasceu, o das famílias proprietárias de vastos seringais (ALBUQUERQUE, 1997, p. 7), insere-o na tradição dos estudos da cidade na poética ocidental.

Pode-se perceber (assim) que, a partir da segunda metade da década de 1990, a geração de transição, ao trabalhar dando ênfase a um só poeta ou poetisa, pretende estabelecer esses literatos no quadro da literatura brasileira em geral (se esses poetas já têm sua presença estabelecida na poesia amazonense), ou, primeiro, na poesia amazonense e, depois, na poesia brasileira, caso eles não tenham sido estabelecidos na anterior.

É o que acontece com Astrid Cabral, que não aparece como poetisa da linhagem do urbano em Allison Leão (2002), embora seu livro de poemas, *Visgo da terra* (1986), seja ambientado pelo eu lírico na Manaus das décadas de 1940-1960. Enquanto sua poética ocupa posição secundária na dissertação de Krüger, ela aparece central na dissertação de Antônio Carlos Guedelha (2001) que, por seu turno, vai realizar uma análise crítico-teórica forte, integrando-a diretamente à poesia brasileira da Geração de 1960. Nesse novo quadro, a poetisa começa a ganhar *status* ao ser reconhecida como uma das mais importantes da poesia brasileira contemporânea, *status* esse que já recebera na narrativa de ficção, no seu cativante livro de contos *Alameda* (1963).

Isso também se dá com Pereira da Silva. Na “Apresentação” (1998) a *Poemas amazônicos*, Paulo Graça explica como o poeta foi maltratado por historiadores e críticos, mas é inovador, investigador arrojado das lendas e mitos amazônicos. Depois, mostra como o livro pode ser tomado como um gênesis amazônico panteísta, identificando doses da filosofia de Nietzsche e um paganismo que forja mitos gregos, druidas e cartagineses.

Mas ele só será estabelecido como o primeiro poeta modernista no Amazonas na dissertação de Maria Sebastiana Guedes (2001), que vê no seu *Poemas amazônicos* exemplo de obra vanguardista que carrega uma visão do migrante nordestino sobre a Amazônia, e mescla referências mitológicas nórdicas, gregas e indígenas às narrativas judaicas da gênese do universo. Ela o insere num acervo de referências composicionais com o Parnasianismo, Simbolismo, Trovadorismo e Modernismo na literatura, e em intertextualidade com as obras de Euclides da Cunha e Alberto Rangel, Além de “revelar” as sete máscaras em que se disfarça o eu lírico, para refletir uma visão do Paraíso, do Inferno e do Caos como processo de organização ao universo amazônico.

O último poeta a ser inserido no eixo sintagmático é Elson Farias, na dissertação de Maria Luiza Germano (2010). Ela apresenta historicamente o conceito de regionalismo literário na crítica literária brasileira e depois o retrabalha na poética de Farias, a partir de *O romanceiro* (1990) e nos três romances de Milton Hatoum. Germano retoma alguns aspectos explorados inicialmente por Socorro Santiago (1982) e analisa-os à luz da noção de um regionalismo moderno.

6. NOVOS RUMOS

A partir do diálogo entre os críticos literários de todas as gerações que se encontram em determinado ponto no tempo e no espaço, seja presencialmente ou virtualmente, por meio de seus escritos, quando estão ausentes, novos trabalhos de estudo crítico-literário vão aparecer, e alguns daqueles que nele se formam tornar-se-ão críticos literários e articularão com seus pares a formação de dois novos espaços para o estudo literário e treinamento científico de novos especialistas: trata-se dos Programas de Pós-Graduação em Letras (PPGL), da Universidade Federal do Amazonas-Ufam, e do Programa de Pós-Graduação em Letras e Artes (PPGLA), da Universidade do Estado do Amazonas-UEA, surgidos, respectivamente, em 2010 e 2011.

E aquela que pode ser caracterizada como uma quarta geração, que está em processo de treinamento científico, tem majoritariamente cursado mestrado num dos programas de Letras, e não mais no PPGSCA. Eles também estão fazendo um movimento parecido com o que foi feito

pela geração de transição com respeito a essa formação científica: deslocam-se, predominantemente, até o sudeste ou sul do país para cursarem o doutorado. Com os trabalhos continuamente em desenvolvimento, mesmo diante de crises socioeconômicas que se propagam da ou para a academia universitária, a formação e o entrelaçamento dos pesquisadores dão a entender a expectativa do surgimento de gerações *a perder de vista*. Isso permite responder “sim” à pergunta lançada como hipótese desta pesquisa: Pode-se falar que se formou uma crítica literária acadêmica no Amazonas?

7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALBUQUERQUE, Gabriel. Brasil, Brasis: insulamento e produção literária no Amazonas. In: RIOS, Otávio (org.). *O Amazonas deságua no Tejo: ensaios literários*. Manaus: UEA Edições, 2009; p. 49-61.
- RIOS, Otávio (org.). *Tradição e memória: a poesia de Luiz Bacellar em três movimentos*. Dissertação. Programa de Pós-Graduação em Literatura Brasileira, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1997.
- BORDIEU, Pierre. *As regras da arte: gênese e estrutura do campo literário* (Trad. Maria Lúcia Machado). São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
- CASANOVA, Pascale. *A república mundial das letras* (Trad. Marina Appenzeller). São Paulo: Estação Liberdade, 2002.
- COMPAGNON, Antoine. *O demônio da teoria: literatura e senso comum* (Trad.: Cleonice Paes Barreto Mourão & Consuelo Fortes Santiago). 2 ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.
- COSTA, Selda Vale. Por rios amazônicos: conversas epistolares com Nunes Pereira. In: BASTOS, Élide Rugai; PINTO, Renan Freitas (orgs.). *Vozes da Amazônia: investigação sobre o pensamento social brasileiro*. Manaus: Editora da Universidade Federal do Amazonas, 2007, p. 271-313.
- ERLL, Astrid. *Memoria colectiva y culturas del recuerdo* (Trad. Jobanna Córdoba y Tatjana Louis). Bogotá: Universidad de los Andes, Facultad de Ciencias Sociales. Departamento de Lenguajes y Estudios Socioculturales, Centro de Estudios Socioculturales e Internacionales. Ediciones Uniandes, 2012.
- ERLL, Astrid; NÜNNING, Ansgar. Where literature and memory meet: towards a systematical approach to the concepts of memory used in literary studies. In: *Literature, Literary History, and Cultural Memory*. Edited by Herbert Grabes. *Yearbook of Research in English and American Literature* 21. Gunter Narr Verlag Tübingen: 2005. Trad. Simone Garcia de Oliveira (não publicada).
- FALCÃO, Charles. *Mário Ypiranga Monteiro e os estudos de folclore*. Dissertação. Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2010.
- GADAMER, Hans-Georg. Esboço dos fundamentos de uma hermenêutica. In: *O problema da consciência histórica* (Trad. Paulo Cesar Duque Estrada). Rio de Janeiro: FGV, 1998, p. 57-71.
- GRAÇA, Antonio Paulo. Apresentação. In: SILVA, Pereira. *Poemas amazônicos*. Manaus: Valer, 1998, p. 07-09.
- GRAÇA, Antonio Paulo. Antiapresentação para Fruta de Barro. In: BACELLAR, Luiz. *Quarteto: obra reunida*. Manaus: Valer, 1998; p. 211-213.
- GUEDELHA, Carlos Antônio Magalhães. *Manaus de águas passadas: a reconstrução poética de Manaus em Visgo da Terra, de Astrid Cabral*. Dissertação. Programa de Pós-Graduação em Natureza em Cultura da Amazônia, Universidade do Amazonas, Manaus, 2001.
- GUEDES, Maria Sebastiana de Moraes. *A máscara de Deus*. Dissertação. Programa de Pós-Graduação em Natureza e Cultura na Amazônia, Universidade do Amazonas, Manaus, 2001.

- KRÜGER ALEIXO, Marcos Frederico. *Introdução à poesia no Amazonas*: com apresentação de autores e textos. Dissertação. Programa de Pós-Graduação em Literatura Brasileira, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1982.
- LEÃO DA SILVA, Allison Marcos. *A cidade que existe em nós*: a marca do urbano na poesia de Aldísio Figueiras. Dissertação. Programa de Pós-Graduação em Sociedade e Cultura na Amazônia, Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2002.
- LIMA, Rachel Esteves de. Crítica literária: do rodapé à universidade. In: SOUZA, Eneida Maria de (org.). *Modernidades tardias*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998, p. 123-135.
- LYRA, Pedro. Geração: genealogia histórica. In: *Sincretismo: a poesia da geração de 60: introdução e antologia*. Rio de Janeiro: Topbooks, 1995, p. 25-41.
- MITOSO, José Ribamar. *Narrativas orais – o conto oral do rio Negro e o conto artístico no Amazonas*, Dissertação. Programa de Pós-Graduação em Natureza e Cultura na Amazônia, Universidade do Amazonas, Manaus, 2000.
- NORA, Pierre. Entre a memória e a história: a problemática dos lugares (Trad.: Yara Aun Khoury). In: *História e Cultura: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados de História*, PUC-SP, v. 10 (jul./dez., 1993), p. 7-28.
- OLIVEIRA, Rita do Perpétuo Socorro Barbosa de; SANTOS, José Benedito dos; AZEVEDO, Kenedi dos Santos (org.). *A literatura no Amazonas: 1954-2010*. Rio de Janeiro: Letra Capital, 2017.
- PESSOA, Simão. Coletivo Gens da Selva, 02 de agosto de 2011. In: *Blog do Rocha*. Disponível em: <<http://jmartinsrocha.blogspot.com/2011/08/coletivo-gens-da-selva.html>>.
- SANTIAGO, Socorro. *A influência do rio na poesia amazonense contemporânea*. Dissertação. Programa de Pós-Graduação em Teoria da Literatura, Pontífice Universidade Católica do Paraná, Paraná, 1982.
- SANTOS, Boaventura de Souza. *A gramática do tempo: para uma nova cultura política*. 3 ed. São Paulo: Cortez, 2010 (Coleção para um novo senso comum; v. 4).
- SOUZA, Maria Luiza Germano de. *O sertão revisitado: o regionalismo literário amazônico em Elson Farias e em Milton Hatoum*. Dissertação. Progeama de Pós-Graduação em Sociedade e Cultura na Amazônia, Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2010.
- SOUZA, Roberto Acízelo de. *História da literatura: trajetória, fundamentos, problemas*. São Paulo: É Realizações, 2014.
- TUFIC, Jorge. *Clube da Madrugada: 30 anos*. Manaus: Imprensa Oficial, 1984.
- TUFIC, Jorge. *Existe uma literatura amazonense? (ensaios)*. Manaus: União Brasileira de Escritores, 1982.

Recebido em: 28/10/2020

Aprovado em: 05/12/2020

Publicado em: 31/12/2020